

# AS LOCUÇÕES ADVERBIAIS TEMPORAIS E ASPECTUAIS NOS SÉCULOS XVIII E XIX DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO DA ORDEM<sup>1</sup>

The adverbial phrases of time and aspect in the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries of Brazilian Portuguese: a study of their order

NATALIA ILSE PAULINO MACHADO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

nat.ilse@ibest.com.br

## Resumo

Para qualquer teoria linguística, os advérbios são estruturas de difícil estudo. Este trabalho se propõe a investigar a ordem que as locuções advérbias temporais e aspectuais podem assumir nas orações de cartas pessoais dos séculos XVIII e XIX, seguindo os pressupostos teóricos da Linguística Funcional norte-americana. O objetivo geral foi observar de que forma a semântica de cada locução e a sua função discursiva motivam a tendência de ordenação das locuções nas orações do *corpus* selecionado. Durante a pesquisa, verificou-se que a ordem ocupada pelas locuções parece ser motivada pela função discursiva. As locuções que apresentam apenas a especificação temporal ocuparam preferencialmente as posições à direita do verbo. Observou-se ainda que as locuções aspectuais são menos sensíveis às funções estabelecidas pelo discurso do que as locuções advérbias temporais e que a deiticidade das locuções é o fator que parece influenciar na preferência por posições à esquerda do verbo.

Recibido  
15/08/12  
Aceptado  
15/12/12

1 Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida durante o Mestrado no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, cuja dissertação foi defendida em fevereiro de 2012.

Palavras-chave: locuções adverbiais; ordenação; Funcionalismo; Português Moderno.

### Abstract

For any linguistic theory, studying adverbials is a challenge. This work is about the position adverbial phrases of Time and Aspect can assume in clauses of personal letters from the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> centuries, according to the theoretical framework of Functional Linguistics. The overall objective was to perceive in which way the semantic and discursive function of the adverbial phrase can influence the tendency of positions held in the sentences of the *corpus* under analysis. During this research, we found out that the positions assumed by the adverbial phrases seem to be influenced by the discursive function. The adverbial phrases that functioned only as a temporal specification filled mostly in postpositions of the verb. We also observed adverbial phrases of Aspect being less sensitive to the functions established by discourse than the adverbial phrases of Time and the deitic factor seems to incline the adverbial phrases towards the preverbal positions.

Key words: adverbial phrases; order; Functionalism; Modern Portuguese.

## 1. INTRODUÇÃO

A categoria dos advérbios ocupa poucas páginas nas gramáticas tradicionais, com definições, classificações e exemplos típicos de cada sub-tipo (advérbios de modo, de tempo, de lugar, de negação etc.). A função básica do advérbio, segundo Cunha *et al.*, é ser “um modificador do verbo” (Cunha *et al.* 2001: 541). Destacam ainda que alguns advérbios aparecem modificando toda a oração:

1. **Infelizmente**, nem o médico lhes podia valer. (Miguel Torga)

Nessa função, os advérbios viriam destacados no início ou no fim da oração, separados por uma pausa, no caso da fala, e por uma vírgula, no texto escrito. Já os advérbios e locuções adverbiais de tempo e lugar

são tratados como constituintes que podem aparecer antes ou depois do verbo.

Aqueles autores afirmam, como tradicionalmente ocorre, que quase todos os advérbios terminados em *–mente* são advérbios de modo. Há, no entanto, uma confusão sobre o papel exercido pelo item [infelizmente] na sentença. Este não pode ser classificado como um advérbio de modo justamente por não se ligar ao processo verbal. Antes, apresenta aspecto subjetivo, demonstrando a atitude do falante em relação ao enunciado. Assim, trata-se de um modalizador (cf. Moraes Pinto 2008).

Segundo proposta de Givón (2001), a classe dos advérbios é a menos homogênea, tanto do ponto de vista semântico quanto do morfosintático. Essa heterogeneidade é agravada pelo fato de essa classe apresentar tanto aspectos do léxico quanto aspectos estritamente gramaticais, com funções de organizar o texto ou orientar a argumentação que se quer dar a ele. A corrente norte-americana da Linguística Funcional considera que a função desempenhada por uma forma linguística no ato comunicativo tem papel predominante.

De acordo com essa concepção, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua. Isto significa dizer que a gramática é o resultado da cristalização ou regularização de estratégias recorrentes desenvolvidas no discurso (cf. Givón 1995; Bybee 2010<sup>2</sup>). Sua sintaxe está em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. A sintaxe não é uma estrutura independente; antes, subordina-se a mecanismos semântico-pragmáticos que nossa mente processa durante a produção linguística em determinados contextos de uso.

Com base nessa teoria, investigou-se a ordem que locuções adverbiais temporais e aspectuais podem assumir na estrutura oracional, buscando para isso possíveis motivadores para as ordenações, como a função discursiva dos adverbiais (Paiva 2008) e a função semântica de cada locução (Ilari 2001 e Martelotta 1994). O programa SPSS<sup>3</sup> foi utilizado para o levantamento e cruzamento dos dados coletados. O objetivo geral desse

---

2 Bybee (2010) trabalha com o conceito de gramática no qual esta é o resultado da organização cognitiva decorrente da experiência que o falante tem com a linguagem.

3 *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) é um software aplicativo de tratamento estatístico de dados.

estudo foi observar de que forma a semântica da locução e seu papel discursivo motivam a tendência de ordenação das locuções nas orações do *corpus* selecionado. Também se pretende dar uma contribuição no sentido de aprofundar o estudo do papel semântico das locuções, já delineado por alguns autores, sobretudo por Martelotta (1994).

Machado (2012) estabelece alguns critérios para a definição de locuções adverbiais, com base em Neves (2000). Um desses critérios diz respeito à formação das locuções adverbiais. As gramáticas tradicionais consideram que locução adverbial é a associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio que funciona como advérbio (*cf.* Cunha *et al.* 2001). No entanto, foram encontradas outras construções diversas do padrão tradicional que funcionam como advérbio de tempo e aspecto, ampliando, assim, a composição de uma locução adverbial. Dessa forma, foram consideradas locuções adverbiais as seguintes construções:

- a. Preposição + substantivo/adjetivo/advérbio (padrão tradicional)  
- à noite;
- b. Substantivo quantificado - algumas vezes, muitas vezes;
- c. Preposição + substantivo quantificado - em alguns anos;
- d. Substantivo + preposição + substantivo - sábado de manhã;
- e. Preposição + SN + preposição + SN - de vez em quando.

A necessidade de investigar questões concernentes à classe dos advérbios já foi apontado por Votre e Santos 1984: 83 **os advérbios são constituintes móveis, embora com tendências bem definidas por determinadas posições sintáticas. (...) a posição ocupada por cada advérbio é função da atuação conjunta de diferentes fatores estruturais e não-estruturais, que cabe identificar e avaliar**".

Dentre os fatores selecionados que podem ser os principais motivadores da ordenação das locuções em análise, procurou-se observar se as locuções com funções discursiva anafórica, contrastiva, marcadora de mudança de assunto ou sequencial ocorrem com maior frequência nas posições à esquerda do verbo, que é uma posição de destaque para o esta-

belecimento de relações entre o discurso anterior e o discurso em análise. As locuções que apresentam apenas a função de especificar a circunstância temporal do evento, por sua vez, seriam encontradas nas posições à direita do verbo, pois se restringiriam à sentença em que estão inseridas, isto é, não funcionariam como conectores discursivos.

O papel semântico da locução também deve influenciar na posição que ela ocupa na frase. Ao estudar esse fator, propõe-se um contínuo entre as categorias tempo e aspecto, havendo locuções que exercem papéis tipicamente temporais (locuções dêiticas<sup>4</sup>, por exemplo) e locuções que exercem papéis tipicamente aspectuais (locuções reiterativas, por exemplo). Espera-se que as locuções adverbiais mais temporais ocorram mais na posição pré-verbal, sobretudo na margem esquerda da oração, por apresentarem ponto de ancoragem no momento da enunciação ou no texto; as mais aspectuais devem ocupar as posições pós-verbais, porque estão internamente relacionadas ao processo verbal em si (por quanto tempo o evento dura ou se se repete ao longo do tempo, por exemplo).

Neste artigo, limitou-se à apresentação da função discursiva e do papel semântico das locuções, embora outros fatores sejam importantes para a análise da ordenação das locuções adverbiais temporais e aspectuais, incluindo fatores estruturais como tipo de verbo, estrutura da sentença, posição do sujeito na oração (cf. Machado 2012; Cezario *et al.* 2009). Estes não serão contemplados neste momento.

Os dados foram retirados de 78 cartas pessoais: 33 cartas do século XVIII e 45 cartas do século XIX, nas quais foram encontrados um total de 150 locuções adverbiais de tempo e aspecto. O *corpus* foi constituído a partir de cartas disponíveis nos sites do Projeto Para uma História do Português do Brasil, núcleo RJ, (<http://www.lettras.ufrj.br/phpb-rj>) e do Laboratório de História do Português Brasileiro (<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico>), ambos da UFRJ.

---

4 A categoria dêitica nesta investigação corresponde a locuções adverbiais que apresentam ancoragem no momento da escrita da carta pelo remetente/autor. Assim, em “Quis o chefe fazer **nesta mesma tarde** o combate”, (século XVIII - C4; l.73), [nesta mesma tarde] é uma locução dêitica, diferentemente da locução [no mez de Janeiro] em “os inSoportaveis calorez, que tem feito **no mez de Janeiro**,” (século XVIII - D6; l.22). Esta é uma locução localizada.

## 2. O PORTUGUÊS BRASILEIRO NO SÉCULO XVIII E XIX

Mattos e Silva (1991) considera que o período chamado Português Moderno é o período em que a língua portuguesa estabiliza padrões ortográficos e tende à maior regularização morfossintática e gramatical.

A história nos conta que no ano de 1500 chegam ao litoral das futuras terras brasileiras os primeiros habitantes brancos: os portugueses. A ocupação efetiva do território pelos portugueses, no entanto, só ocorre 32 anos depois, quando, em Portugal, o rei D. João III decide doar as terras americanas a 12 donatários sob o sistema de capitânicas hereditárias. Esses donatários pertenciam à pequena nobreza, ou seja, eram pessoas de pequenas posses. Junto com os portugueses, habitaram o Brasil colonial os índios, povos nativos, e mais tarde, os negros, trazidos da África como mão de obra escrava. Esses três povos deram contribuições, cada um a sua maneira, na formação do povo e da língua brasileiros, ainda que a língua portuguesa tenha se institucionalizado como língua oficial do Brasil.

No século XVIII, a situação da colônia pode ser descrita da seguinte forma: politicamente, duas capitais, Salvador e depois, em 1763, Rio de Janeiro, possuem representação limitada com algumas funções administrativas e religiosas; economicamente, a exploração de ouro no atual estado de Minas Gerais é fator responsável pela entrada de mais portugueses e estrangeiros que desejavam enriquecer através dessa atividade. Foi através dessa atividade também que as fronteiras da colonização se expandiram para o interior do território. Culturalmente, o Brasil não possuía nenhuma universidade nem tipografia e o papel intelectual dos centros econômicos é muito pequeno. Linguisticamente, que é o que nos interessa, Teyssier nos aponta:

“Os colonos de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras...” (Teyssier 1997: 94)

A língua geral de que trata Teyssier era um tupi mais simples, que possuía uma gramática, organizada pelos jesuítas e ensinada por eles durante o processo de catequização. Por muito tempo as duas línguas, o português e o tupi, conviveram na colônia enquanto língua de comunicação; o tupi como língua familiar e o português como a língua que se aprendia na escola.

Com relação à influência dos falares africanos, cogita-se se é possível a identificação do processo de criouliização no Brasil, tal qual ocorreu no Caribe e no sul dos EUA, por causa da grande quantidade de negros africanos que compunham a sociedade brasileira naqueles séculos. Segundo os mesmos autores, já no século XVI a base da pirâmide da sociedade colonial era formada em grande parte por africanos, situação que se acentua no século XVII. Não obstante o grande contingente desse grupo, o contato linguístico consequente provocou processos de variação e mudança que afetaram direta ou indiretamente todas as variedades históricas do português brasileiro, sem atingir, no entanto, a intensidade necessária para produzir uma variedade linguística qualitativamente distinta das demais, tal qual se espera no processo de criouliização. Diretamente porque o contato entre línguas afetou a formação dos padrões coletivos de fala da maioria da população do país (norma popular). E indiretamente afetou a fala das classes economicamente privilegiadas (norma culta) e os mecanismos gramaticais em que os efeitos do contato linguístico podem ser observados são a concordância nominal e verbal.

É possível que os primeiros escravos africanos tenham tido contato com essa língua geral, mas, devido à pequena quantidade de índios nos engenhos de cana-de-açúcar, os escravos, desde cedo, passaram a ter contato com o português, assimilado precariamente como uma variedade defectiva, que era, então, a língua passada aos descendentes. Lucchesi *et al.* (2009) denomina esse processo de transmissão linguística irregular, caracterizado pela simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais, bem como a sua generalização paradigmática. Mas a transmissão linguística irregular não implica necessariamente criouliização, mas pode resultar na formação de uma variedade histórica da norma culta, que se caracteriza por exibir processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas.

Dentro das senzalas, não era o português a língua de uso dos escravos africanos, mas havia entre eles línguas francas de base africana (sobretudo banto), já que vários grupos linguísticos diferentes estavam em contato. Não resistiram, contudo, sendo mantidas apenas em situações especiais e muito restritas, e substituídas por variedades de português reestruturadas pelos afrodescendentes. Hoje, vestígios dessas línguas francas podem ser encontrados na fala das centenas de comunidades rurais afro-brasileiras, originárias dos quilombos, que ainda subsistem no interior do país.

É inegável, portanto, afirmar que o elemento africano desempenhou um papel bem mais relevante no processo de constituição de nossa realidade linguística atual do que o elemento indígena.

Em meados do período setecentista, algumas medidas passam a fortalecer o uso do português, enfraquecendo, conseqüentemente, o desenvolvimento da língua geral. Primeiro, a própria chegada de mais portugueses, atraídos pela exploração de ouro, foi um fator de intensificação do uso da língua portuguesa nas situações de comunicação oral na colônia, aumentando, inclusive, o acesso dos negros escravizados à norma culta. Em segundo lugar, podemos citar as medidas políticas tomadas em Portugal pelo Marquês de Pombal no ano de 1757, ano em que criou o Diretório, cujas decisões passaram a proibir o uso da língua geral e a oficializar o uso da língua portuguesa como única língua permitida em território brasileiro. Agrava-se a situação da língua geral com a saída dos jesuítas em 1759, os principais protetores do tupi. Dessa língua geral, restaram apenas algumas palavras incorporadas ao vocabulário português e muitos topônimos. Um terceiro fator são as primeiras documentações a respeito do falar dos brasileiros, feitas ainda no decorrer do século XVIII, contribuindo para a consolidação do português no Brasil. D. Jerónimo Contador de Argote fala da presença de vocabulário exótico encontrado nos dialetos ultramarinos, entre eles, o brasileiro. Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*, 1767) assinala alguns traços fonéticos próprios do falar brasileiro, assim como o faz Jerónimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822).

Podemos citar ainda outros dois fatores responsáveis pela supremacia do português: a chegada da família real portuguesa em 1808 e a in-



dependência da colônia com relação à metrópole, em 1822. Com a instalação da corte portuguesa, registra-se a entrada de milhares de outros portugueses para reluzitanizar o Rio de Janeiro. Após a independência, em 1822, o Brasil vai renegar tudo o que antes pertencia à metrópole ou lembra a condição de dependência econômica e cultural. A partir de então, o português no Brasil vai se diferenciando do português europeu mais rapidamente.

Nenhum desses fatores poderia isoladamente ter sido responsável pela consolidação do português no Brasil, mas sim a atuação conjunta destes para a mudança da situação linguística e a difusão do uso do idioma nos moldes europeus.

### 3. ORDEM DAS LOCUÇÕES NA ESTRUTURA ORACIONAL

O objeto de estudo desta pesquisa são as locuções adverbiais de tempo e aspecto e a ordem que podem assumir na estrutura oracional do português brasileiro, em amostra do período denominado Moderno. Com base em resultados encontrados em pesquisas preliminares (cf. Cezario *et al.* 2009), verificou-se a distribuição dos dados segundo as seguintes posições:

♦ **Margem esquerda:** a locução é o primeiro item da sentença ou vem logo após a uma conjunção.

2. ...**nesta ocasião** quero que vmce. mearume esta conta pois mevejo mto. afrontado com esta divida, (século XVIII - F5; l.8)

♦ **Margem direita:** a locução é o último constituinte da sentença em que está inserida.

3. O conde de Valadares chegou muito bom, emuito gordo aesta **Caza no5 do Corrente**, (século XVIII - D9; l.35)

♦ **Outras posições pré-verbais:** a locução posiciona-se antes do verbo, mas fora da margem.

4. ...pois ao menos esse **por ora** não me dá cui-dado quanto as febres. (século XIX - U1; l.29)

Nesta posição, reuniu-se os diferentes tipos de ordens pré-verbais, todas com a estrutura [XAdvV], em que X pode ser sujeito, adjunto adverbial ou sintagma preposicional de outro tipo. Colocou-se todas as possibilidades dessa estrutura dentro da mesma categoria porque o interesse principal é observar as posições marginais.

- **Outras posições pós-verbais:** a locução apresenta-se depois do verbo, mas fora da argem.

5. Lembro **de novo** a meu Pai o pedido do Senhor José Victorino, (século XIX - M2; l.8)

Nesta categoria, também se incluiu diferentes possibilidades para a estrutura do tipo [VAdvX], sendo X um complemento ou adjunto.

A distribuição encontrada no *corpus* analisado pode ser observada no gráfico a seguir:

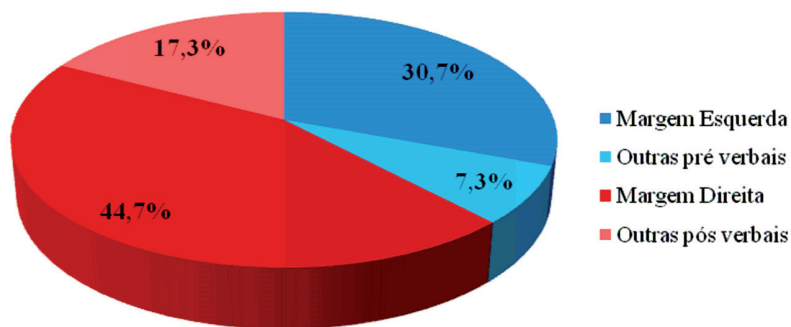


Gráfico 1: Frequência de ordenação das locuções.

Das ordens observadas, a que se mostrou mais frequente no *corpus* para o posicionamento das locuções adverbiais temporais e aspectuais foi a margem direita, com 44,7% do total. A margem esquerda foi ocupada por 30,7% das locuções, o que demonstra que houve preferência pelas margens das orações (75,3% dos dados, margem esquerda e margem direita). Se análise for focada em termos de posicionamento em relação ao verbo, a constatação de que as locuções privilegiam posições pospostas ao verbo, isto é, a soma dos resultados encontrados na margem direita e em outras posições pós-verbais (62%), pode ser atestada.

Machado (2012) e Cezario *et al.* (2009) já demonstram que as posições não marginais apresentam baixa frequência tanto no *corpus* de cartas pessoais quanto nos textos religiosos. Essa conclusão justifica a observação mais atenta sobre o que ocorre com as locuções nas margens das orações.

#### 4. FUNÇÃO DISCURSIVA DAS LOCUÇÕES

Conforme Paiva (2008), os advérbios locativos e temporais podem desempenhar diversas funções na organização do discurso e constituem instrumentos imprescindíveis na interação entre falante e ouvinte. Nesta pesquisa, adaptamos as funções discursivas identificadas pela autora, cuja descrição se segue:

- ♦ **Retomada anafórica:** o circunstancial retoma uma referência temporal introduzida no discurso anteriormente.

6. Como esta Carta poderá chegar, com tempo, ó dees[tares] emSalvaterra, ó deteachares deSemana **eneçasoCazioens**, p elo q ue vejo datuaCarta edoConde doPrado, lhesobejaaV ocês tampoucotempo, Comoeujulgo dasCartas q ue V ocês daquelles Lugaresme escrevem... (séc. XVIII – D3; l.95-98)

Como se pode perceber pelo discurso do trecho acima, a locução adverbial [neçasoCazioens] retoma por anáfora os referentes [dees[tares] emSalvaterra] e [deteachares deSemana]. O remetente supõe que o destinatário receberá a tempo a carta enquanto estiver em um lugar ou outro.

- ♦ **Marcação de novo assunto:** O circunstancial funciona como um instrumento de segmentação discursiva, assinalando a introdução de um novo assunto.

7. Hoje a Mimi que naose achou aquella [botoadura] que eu destinei para o Jerônimo. Agora ja e tarde para ella mandar me dizer onde a deixou tão bem guardada. **A esta hora** as meninas já devem estar mais alliviadas do defluxo. (séc. XIX – E10; l.28-36)

No trecho do exemplo acima, o remetente dá notícias sobre Mimi e abotoadura que ela perdeu e, por isso, não poderá ser enviada [Agora ja e tarde para ella mandar me dizer onde a deixou tão bem guardada]. Logo depois, cogita que naquele momento, as netas já devem ter melhorado do resfriado [A esta hora as meninas já devem estar mais alliviadas do defluxo]. A locução adverbial presente nesta oração marca essa mudança de assunto.

- **Sequência temporal:** o circunstancial demarca pontos distintos numa sequência temporal.

8. A 7. De. Fevereiro do prorente anno sahiu de Santa Catharina o dito Chefe com huma parte de sua Esquadra grande, seguido \_\_\_ de nove Embarcações pequenas, de cujo numero formou huma Certa Esquadra, para entrar no Rio Grande com o designio de render a Castelhana, composta de sette Embarcações, que là se achava fondeada há mais de 8. ou 9. meZes. A 14. do dito mez apresentou-se diante daCosta doRio aonde se conservou sem entrar. No dia 15. passou ao lugar em que estava abarracado o General em Chefe, à conferir com sua Excelência a acção do Combate. (séc. XVIII – C4; l.50-60)

Partindo da primeira referência temporal, [A 7. De. Fevereiro do prorente anno], o discurso prossegue com outras marcações temporais, compondo uma cadeia sequencial de eventos: [A 14. do dito mez]; [No dia 15.]. Esses eventos estão ordenados conforme se realizam no mundo real.

- **Focalização:** o circunstancial apresenta-se acompanhado por um elemento de focalização que lhe imprime um valor de destaque (só, já, apenas, pelo menos etc.).

9. Disse a Heitor que enquanto elle não acha o quarto que deseja viesse dormir aqui em Laranjeiras commigo e de facto já esta noite elle dormiu aqui. (séc. XIX – U4; l.11-15)

A locução adverbial [esta noite] está destacada, ou em foco, porque há a presença do item [já] imediatamente antes do adverbial.

- **Contraste:** o circunstancial estabelece um contraste com alguma outra referência já mencionada.

10. Ainda não tive notícias da Corte e não sei si hoje à noite terei. (séc. XIX – U12; l.17-19)

Claramente há dois momentos (tempos) no trecho destacado nesse exemplo. O primeiro limita-se até o momento em que o remetente escreve a carta, codificado pelo advérbio [ainda]. Até àquele momento, o remetente não recebeu notícias da Corte. O segundo momento faz um contraponto com o primeiro, delimitado pela locução adverbial [à noite]. O remetente não acredita que à noite receberia notícias vindas da Corte. Assim, há o contraste entre o tempo em que é certo não ter recebido as notícias, com o tempo em que poderia recebê-las.

♦ **Apresentação de especificação temporal:** o circunstancial especifica coordenadas temporais, nas quais se inscreve o valor de verdade do estado de coisas descrito numa oração, ou seja, quando a locução apenas informa sobre o tempo ou aspecto (duração da ação, por exemplo).

11. Minha Mãe não lhe escreve avossa mercê **nesta o Cazião** por que basta Esta para lhedezer que mandara ordem ao Luciano. (séc.XVIII – C2; l.19-21)

A locução adverbial [nesta o Cazião] não retoma nenhuma outra construção anteriormente citada e discursivamente localizada, bem como não estabelece contraste ou marca novo assunto ou eventos subsequentes. Essa locução funciona apenas como circunstância de tempo dentro da oração em que está inserida.

A função que obteve maior porcentagem de frequência foi a especificação temporal. Isto significa dizer que 56,7% das locuções se restringiram à oração em que estavam inseridas, sem abarcar informações em trechos anteriores do discurso. A segunda maior frequência foi encontrada entre as locuções que marcam novo assunto, com cerca de 36 dados, ou 24% das locuções.

A seguir, analisou-se de que forma função discursiva pode influenciar na ordem das locuções adverbiais temporais e aspectuais no *corpus*. Os resultados podem ser observados na tabela 1:

Função discursiva	Ordem da locução				Total
	ME	MD	Outras Pré-verbais	Outras Pós-verbais	
Retomada anafórica	3	3	1	1	8
	37,5%	37,5%	12,5%	12,5%	100,0%
Novo assunto	19	9	2	6	36
	52,8%	25,0%	5,6%	16,7%	100,0%
Contraste	2	1	0	0	3
	66,7%	33,3%	0%	0%	100,0%
Focalização	0	2	2	0	4
	0%	50,0%	50,0%	0%	100,0%
Sequência temporal	8	5	0	1	14
	57,1%	35,7%	0%	7,1%	100,0%
Especificação temporal	14	47	6	18	85
	16,5%	55,3%	7,1%	21,2%	100,0%
Total	46	67	11	26	150
	30,7%	44,7%	7,3%	17,3%	100,0%

Tabela 1: Cruzamento entre ordem e função discursiva das locuções.

Os dados da tabela 1 demonstram que, das 85 locuções com função de apenas apresentar informação temporal restrita à oração em que estão inseridas, isto é, locuções que especificam a circunstância de tempo do evento da oração em questão, 55,3% localizam-se na margem direita. Locuções marcadoras de novo assunto apareceram com 52,8% na margem esquerda. As locuções com função de sequência temporal foram encontradas com porcentagem de 92,8% nas duas margens, sendo a margem esquerda a mais frequente, com 57,1% dos dados. Apenas 1 dado (7,1%) foi encontrado em posição fora da margem. Já as locuções que estabeleceram função de contraste com outros adverbiais de tempo, que contabilizaram um total de 3 dados, todas ocuparam as margens da locuções, sendo 2 deles em posição de margem esquerda. Dentre as 8 locuções com função de retomada anafórica, o mesmo resultado foi encontrado para as posições pré e pós-verbais e também para as margens (37,5% e 12,5%,

respectivamente). As locuções focalizadas ocuparam 50% dos dados (2 dados) na margem direita e 50% (2 dados) em posições pré-verbais.

Dessa forma, as expectativas iniciais foram atendidas: as locuções que apresentam apenas a especificação temporal ocuparam preferencialmente as posições à direita do verbo (exemplo 11); as locuções marcadoras de novo assunto, as contrastivas e as de sequência temporal ocorreram com maior frequência nas posições à esquerda do verbo (exemplo 7).

Paredes Silva (1988), ao observar a estrutura de parágrafos de cartas cariocas, afirma que, principalmente em trechos narrativos, é comum encontrar itens como os circunstanciadores de tempo no início de parágrafos, exercendo papel de conexão do discurso como um todo. Em outras línguas também é possível observar isso. Li *et al.* (1979) demonstraram que no Mandarim sintagmas indicadores de tempo e espaço delimitam mudanças de assunto e quebras de continuidade de referência.

## 5. SEMÂNTICA DAS LOCUÇÕES

Baseado em Martelotta (1994) e Ilari (2001), usamos, a princípio, a seguinte classificação:

- ♦ **Durativa:** expressa a duração inicial, final e/ou total de uma situação ou processo, definindo-o ou não.

12. ...aPraça me Requereo por varias vezes q ue ademoraçe **por mais dias**, (século XVIII - D4; l.35)

- ♦ **Delimitativa:** delimita o tempo da ação, seja no início, no meio ou no fim.

13. Já levantou do leite de dores teu tio e Padrinho – meu irmão, **depois de 3 mezes de muito soffrimento**. (século XIX - E8; l.127)

- ♦ **Simultânea:** mostra dois eventos ocorrendo no mesmo momento.

14. ...inda que **ao mesmo tempo** me serve de grande conçoção saber que minha mana ficou tão bem erdáda como Vossa Excelência me dis, (século XVIII - C3; l.10)

- ♦ **Reiterativa:** expressa um evento que se repete no tempo.

15. **As vezes** lembrando me do modo natural, sem o mínimo acidente no actual estado teu, não sei como agradecer a Deos. (século XIX - E2; l.10)

- ♦ **Localizadora:** localiza um ponto no evento, determinando-o ou não.

16. ...a qual devesair segundo as ordens de Sua Magestade **nodia 24 de Dezembro**, (século XVIII - D3; l.20)

- ♦ **Dêitica:** localiza um ponto no evento cuja referência seja o momento da enunciação. No caso desta pesquisa, considera-se o remetente no momento da escrita como o ponto de ancoragem para o movimento de apontar, seja para trás, para frente ou para o presente.

17. ... mesmo porque **as 2 horas de amanhã** pela manhã devo estar já de pé tomando algum alimento. (século XIX - E4; l.22)

Esse fator agrupa locuções que se distinguem umas das outras pelo seu carácter [+temporal], como as dêiticas, ou [+aspectual], como as reiterativas. Muitos trabalhos já ressaltavam diferenças entre as categorias tempo e aspecto. Enquanto tempo é a categoria que encontra ponto de ancoragem em outro momento, como o momento da enunciação ou o texto (ancoragem situacional e ancoragem textual; cf. Ilari 2001), o aspecto é a categoria que marca as várias organizações temporais internas a um evento, a uma situação (cf. Comrie 1978). Além disso, é reconhecido que não é apenas no verbo que se encontra a categoria do aspecto, mas itens como adjuntos adverbiais contribuem com ele para a definição de tal categoria (cf. Taylor 2002; Castilho 1968). Ou seja, o aspecto pode ser caracterizado pela interação de vários elementos sintáticos, tais como adjuntos, complementos e mesmo o tipo oracional. Castilho (1968) defende ainda que o aspecto expressa uma ideia mais concreta e objetiva que o tempo.

Portanto, é proposto um contínuo entre essas classificações semânticas das locuções, de forma que de um lado estejam as locuções [+temporais; -aspectuais] e, do outro, locuções [-temporais; +aspectuais]. Por conseguinte, obteve-se a seguinte representação do contínuo:



Dêiticas > Localizadoras > Simultâneas > Delimitativas >  
Durativas > Reiterativas

+ temporal

+aspectual

Uma característica importante a ser considerada com relação a esse fator é se locuções mais temporais ou mais aspectuais tendem a ocupar determinadas posições nas sentenças do *corpus* selecionado.

A semântica das locuções, ou o papel semântico atribuído às diversas formas de locuções, conforme Neves (2000), pode influenciar o posicionamento das locuções na oração. Locuções mais temporais devem apresentar tendência de ocupar posições à esquerda do verbo, enquanto locuções mais aspectuais ocupam posições à direita do verbo.

Semântica da locução	Ordem da locução				Total
	ME	MD	Pré-verbais	Pós-verbais	
Dêitica	15	7	4	8	34
	44,1%	20,6%	11,8%	23,5%	100,0%
Localizadora	20	21	2	6	49
	40,8%	42,9%	4,1%	12,2%	100,0%
Simultânea	1	0	0	0	1
	100%	0%	0%	0%	100,0%
Delimitativa	3	8	1	1	13
	23,1%	61,5%	7,7%	7,7%	100,0%
Durativa	1	20	2	3	26
	3,8%	76,9%	7,7%	11,5%	100,0%
Reiterativa	6	11	2	8	27
	22,2%	40,7%	7,4%	29,6%	100,0%

Tabela 2: Cruzamento entre ordem e semântica das locuções.

As locuções adverbiais dêiticas foram encontradas em maior frequência na margem esquerda das orações, com 44,1% do total. As locuções

mais aspectuais (delimitativas, durativas e reiterativas) apresentaram preferência pela margem direita, com 61,5%; 76,9% e 40,7%, respectivamente. Com relação às simultâneas, apenas 1 dado foi encontrado no *corpus* com essa semântica, que ocupou a margem esquerda.

As locuções localizadoras ocuparam mais as margens, sem preferência (40,8% na margem esquerda e 42,9% na margem direita). No entanto, se for considerado apenas as posições pré-verbais (incluindo margem esquerda) e pós-verbais (incluindo margem direita), o resultado apontará para a tendência de as locuções localizadoras posicionarem-se mais em posições após o verbo (55,1%).

Isso leva a considerar se há algum fator entre as localizadoras que influencie a posição desses itens. Sabendo, por análises anteriores, que a função discursiva das locuções influencia fortemente na sua ordenação nas orações do português do período observado, fez-se o cruzamento da semântica das locuções com as funções que podem desempenhar no discurso a fim de observar se locuções mais temporais ou mais aspectuais são mais sensíveis à função da locução exigida no contexto discursivo como um todo.

Semântica da locução	Função discursiva da locução						Total
	Retomada anafórica	Novo assunto	Contraste	Focalização	Sequência temporal	Especificação temporal	
Dêitica	3	10	1	2	3	15	34
	8,8%	29,4%	2,9%	5,9%	8,8%	44,1%	100,0%
Localizadora	4	13	2	0	7	23	49
	8,2%	26,5%	4,1%	0%	14,3%	46,9%	100,0%
Simultânea	0	1	0	0	0	0	1
	0%	100%	0%	0%	0%	0%	100,0%
Delimitativa	1	3	0	1	3	5	13
	7,7%	23,1%	0%	7,7%	23,1%	38,5%	100,0%
Durativa	0	5	0	1	0	20	26
	0%	19,2%	0%	3,8%	0%	76,9%	100,0%
Reiterativa	0	4	0	0	1	22	27
	0%	14,8%	0%	0%	3,7%	81,5%	100,0%
Total	8	36	3	4	14	85	150
	5,3%	24,0%	2,0%	2,7%	9,3%	56,7%	100,0%

Tabela 3: Função discursiva e semântica da locução.

Conforme a tabela 3, as locuções dêiticas, localizadoras e delimitativas funcionam mais como especificadoras temporais, pois apresentam porcentagens de 44,1%; 46,9% e 38,5%, respectivamente. Essas porcentagens não nos permitem dizer, no entanto, que locuções com essas semânticas não desempenham funções dentro do discurso. Na verdade, 55,9% das locuções dêiticas, 53,1% das locuções localizadoras e 61,5% das delimitativas apresentam alguma função estabelecida pelo discurso, o que não observamos nas locuções durativas e reiterativas. Aquelas apresentaram 76,9% do total com função de especificação temporal e estas, 81,5% para a mesma função.

Então, as locuções mais aspectuais, como as durativas e reiterativas, são menos sensíveis às funções que o discurso estabelece para itens como adjuntos adverbiais e que essa menor sensibilidade é responsável pela sua ordenação mais frequente em posições à direita. Além disso, mais do que o traço de temporalidade, é a deiticidade das locuções que parece influenciar na preferência por posições à esquerda do verbo, como já foi descrito anteriormente. Por isso, apenas as locuções dêiticas foram encontradas com maior frequência antepostas ao verbo (tabela 2).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou investigar os fatores que influenciariam na ordenação de locuções adverbiais temporais e aspectuais. Para isso, foram investigadas as funções discursivas desempenhadas pelas locuções, bem como o papel semântico inerente a natureza desses itens no *corpus* cartas pessoais do século XVIII e XIX, período importante para a consolidação do português em terras americanas enquanto língua oficial.

Trabalhamos com somente 150 dados, o que não constitui um problema para toda a análise aqui proposta, uma vez que não houve pressão de afirmar fenômenos semânticos e pragmáticos no período designado como português moderno, pois para isso teríamos de analisar uma quantidade maior de material escrito nessa época. Portanto, foram verificadas tendências sobre a ordem das locuções.

Essas tendências foram as seguintes:

- ♦ A ordem ocupada pelas locuções na sentença parece ser motivada pela função discursiva. As locuções que apresentam apenas a especificação temporal ocuparam preferencialmente as posições à direita do verbo; as locuções marcadoras de novo assunto, as contrastivas e as de sequência temporal ocorreram com maior frequência nas posições à esquerda do verbo.
- ♦ As locuções aspectuais são menos sensíveis às funções estabelecidas pelo discurso do que as locuções adverbiais temporais, conforme a escala proposta neste trabalho para a distinção entre locuções adverbiais temporais e locuções adverbiais aspectuais. Além disso, foi observado que mais do que o traço de temporalidade, é a deiticidade das locuções que parece influenciar na preferência por posições à esquerda do verbo, como já foi descrito anteriormente. Por isso, apenas as locuções dêiticas foram encontradas com maior frequência antepostas ao verbo.

Assim, não é totalmente aleatória a escolha da posição da locução verbal na estrutura sentencial do português brasileiro, pelo menos em cartas pessoais dos séculos XVIII e XIX, diferentemente do que nos faz crer a tradição gramatical, quando diz que tais itens são termos livres em orações da língua portuguesa.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bybee, Joan. 2010. *Language, usage and cognition*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Castilho, Ataliba de. 1968. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*, Marília, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Cezario, Maura; Natalia Machado e Bruna Soares. 2009. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais no português escrito: uma abordagem histórica, em M. R. Oliveira e I. Rosário (org), *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*, Rio de Janeiro, Léo Christiano Editorial.
- Comrie, Bernard. 1978. *Aspect*, New York, Cambridge University Press.

- Cunha, Celso e Lindley Cintra. 2001. Advérbio, em *Nova gramática do português contemporâneo*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 541-553.
- Givón, Talmy. 1995. *Functionalism and grammar*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. 2001. *Syntax: an introduction*, Vol. 1, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- Ilari, Rodolfo. 2001. *A Expressão de tempo em português*, São Paulo, Contexto.
- Li, Charles N. e Sandra A. Thompson. 1979. Third-person pronouns and zero-anaphora in Chinese discourse, em T. Givón (ed.), *Syntax and semantics: discourse and syntax*, vol. 12, Academic Press: 311-335.
- Lucchesi, Dante, Alan Baxter & Ilza Ribeiro (orgs.). 2009. História do contato entre línguas no Brasil, em *O português afro-brasileiro*, Salvador, EDUFBA: 41-73, [online]. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/209/1/O%20Portugues%20Afro-Brasileiro.pdf>
- Machado, Natalia Ilse Paulino. 2012. *As locuções adverbiais temporais e aspectuais nos séculos XVIII e XIX do português: um estudo da ordem*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Martelotta, Mário Eduardo Toscano. 1994. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. 1991. Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português, em I. Castro, (org.), em *Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Moraes Pinto, Deise Cristina de. 2008. *Ordenação dos advérbios qualitativos e modalizadores em –mente*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Neves, Maria Helena de Moura. 2000. O advérbio, em *Gramática dos usos do português*, São Paulo, Editora UNESP: 231-331.
- Paiva, Maria da Conceição de. 2008. Ordem não-marcada de circunstanciais locativos e temporais, em *Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*, Rio de Janeiro, 7Letras.
- Paredes Silva, Vera Lúcia. 1988. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Taylor, John R. 2002. *Cognitive grammar*, Oxford Textbooks in Linguistics, Oxford University Press.

- Teysier, Paul. 1997. O português do Brasil, em *História da língua portuguesa*, São Paulo, Martins Fontes: 93-116.
- Votre, Sebastião Josué e Emmanoel Santos. 1984. Colocação do advérbio na fala e na escrita: uma análise sociolingüística, em *Relatório final do projeto análise lingüístico-pedagógica das diferenças sintáticas entre fala e escrita em alunos de 1o grau*, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.